

APARÊNCIA, FAMILISMO E *RYOSAI KENBO*: RELATO DE INTERVENÇÃO JUNTO A MULHERES NIPO-BRASILEIRAS DURANTE PANDEMIA DE COVID-19
APPEARANCE, FAMILISM AND *RYOSAI KENBO*: REPORT OF INTERVENTION CARRIED OUT WITH JAPANESE-BRAZILIAN WOMEN THROUGH THE COVID-19 PANDEMIC

Suzanne Tanoue dos Santos¹
Andrea Lopes²

Resumo: Relato de experiência com o objetivo de descrever intervenção gerontológica realizada entre abril e junho de 2020 no âmbito da convivência mútua de cinco mulheres provenientes de três gerações de família nipo-brasileira, frente ao isolamento social por COVID-19. Elaboração de dois ensaios fotográficos, rodas de conversa e intervenções na aparência. A ação suscitou reflexões e discussões acerca da noção de familismo e do papel de boa esposa e mãe sábia (*Ryōsai Kenbo*), aspectos formativos da sociedade japonesa do início do século 20. Ambos os valores estiveram presentes ao longo do envelhecimento e ainda estão fortemente associados à construção identitária das participantes. A experiência demonstrou que intervenções na aparência, combinando conceitos teóricos aplicados por meio da arte, podem promover ressignificação do curso da vida e bem-estar.

Palavras-chave: Intergeracionalidade, Aparência, Familismo, Família Nipo-Brasileira, *Ryōsai Kenbo*.

1 Jornalista, fotógrafa, graduanda em Gerontologia da Universidade de São Paulo e membro do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS). suzannetanoue@usp.br ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0472-0641>

2 Antropóloga, docente da Universidade de São Paulo e coordenadora do grupo de pesquisa, ensino e extensão Envelhecimento, Aparência e Significado (EAPS). andrealopes@usp.br ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7680-8618>

Abstract: Experience report that aims to describe a gerontological intervention carried out with five women from three generations of a Japanese-Brazilian family. It was conducted from April to June, 2020, amidst the intense and isolated domestic living due to the COVID-19 pandemic. Two photo shoots, rounds of conversation and appearance-related interventions were held. These activities brought up reflections related to familism and the role of good wife and wise mother (*Ryōsai Kenbo*), founding aspects of the 20th century Japanese Society. Both values have been present through their ageing processes and are still strongly associated with the construction of their identity. The experience showed that appearance-related interventions, combined with theoretical concepts enforced through art, can promote life-course resignification and well-being. **Keywords:** Intergenerationality, Appearance, Familism, Japanese-Brazilian Family, *Ryōsai Kenbo*.

1. Introdução

O presente relato de experiência tem como objetivo descrever uma ação gerontológica, de caráter lúdico e artístico. Tratou-se da intervenção na aparência de duas gerações de mulheres idosas pertencentes a uma família nipo-brasileira, conduzida pela mais jovem do grupo. Mediante as recomendações de isolamento social no combate à pandemia por COVID-19 em 2020, a matriarca centenária passou a conviver com suas três filhas idosas e a neta, como forma de suporte e proteção mútua.

O eixo central foi refletir sobre a conservação de aspectos sociofamiliares tradicionais japoneses, ainda presentes na construção identitária de diferentes grupos de imigrantes no Brasil (KUBOTA, 2008; LÓPEZ-CALVO, 2018). Para tanto, recorreu-se às noções de Familismo e *Ryōsai Kenbo* (良妻賢母). Foram elaborados dois ensaios fotográficos e rodas de conversa. Os resultados organizaram a série intitulada “Cinco Elementos em Quarentena”, estruturada em duas partes.

Na primeira parte, foi registrado, de forma espontânea e em preto e branco, o cotidiano e as performances comportamentais. O material foi exposto a cada uma das mulheres. As reações envolveram percepções, significados, conflitos, frustrações, conquistas e experiências frente aos papéis de gênero desempenhados. Essa aproximação, mais observacional do cotidiano doméstico, ocasionou o ensaio intitulado “Grades Visíveis e Invisíveis”, cujo principal resultado foi a consciência do desejo pelo contato com a própria individualidade.

O repertório familiar desperto e sensibilizado inaugurou a segunda parte da série, de caráter intervencionista, que compôs o ensaio “Quatro Elementos”. Por meio da gestão da aparência das idosas, a neta produziu e dirigiu as modelos individualmente, dessa vez em cores. Cada idosa escolheu representar sua personalidade através de um elemento diferente da natureza: terra, água, fogo e ar.

1.1. Os valores japoneses modernos

As histórias das mulheres retratadas têm raízes no chamado Japão moderno, que compreende o período entre a instituição da Era Meiji (1868-1912) até o final da Segunda Guerra Mundial, em 1946 (ISOTANI, 2016). A retomada do poder no país pela família imperial e a abertura comercial geraram profundas alterações na conjuntura socioestrutural japonesa.

Conforme analisado por Weiner (2009), na virada para o século 20, emergiu no país um nacionalismo, com objetivo de formar um grande Estado-Família, de características culturais e raciais homogêneas. Para o autor, essa noção evidencia o princípio do ideal coletivo, cuja subordinação dos interesses individuais em nome do bem comum busca manter a ordem social e política.

Ainda, alguns teóricos (SASAKI, 2011; PIRES, 2017; ANDRÉ, 2019) denominam como *Nihonjinron* (日本人論) essa busca por um novo e único senso de propósito, pertencimento e identidade nacional. Pires (2017) expõe que os valores destacados por *Nihonjinron* só passaram a serem questionados a partir da década de 1990, especialmente aqueles que ignoravam a heterogeneidade étnica, bem como sua “complexidade em termos de gênero, ocupação, classe social, renda, região” (p. 1679). No entanto, o autor argumenta que ainda é possível perceber a presença dessa mentalidade não só no Japão, mas também – e talvez com mais força – no Brasil.

Heller (1976) entende familismo como “um conjunto de direitos e obrigações inerentes a uma determinada rede unida por laços consanguíneos” (p. 423)³. Ao analisarmos as relações familiares no Japão devemos levar em consideração que a família não se trata apenas do seu núcleo, mas, sim, do grande Estado-Família (ASHKENAZI, 2003). Esta noção reforça o senso de coletividade e interdependência em todas as instâncias sociais. Elias (1994) define interdependência como a dinâmica recíproca entre os indivíduos e o coletivo. Para o autor, uma sociedade não é um organismo à parte dos indivíduos que a compõem, nem são os indivíduos seres dissociáveis do grupo social do qual fazem parte.

Assim, Sasaki (2011) entende que a “dependência mútua” (p. 11) é peça-chave para a manutenção da harmonia social japonesa. No Estado-Família, a unidade familiar - formada de homem, mulher e seus sucessores - também desempenharia um papel central para a soberania da nação. Homens na vida pública e mulheres no âmbito doméstico tinham suas funções muito bem estabelecidas no Império. Assim, o ideal feminino japonês a partir da Era Meiji fortalece a noção de *Ryōsai Kenbo* - boa esposa e mãe sábia (KOYAMA, 2009).

Isotani (2016) relata que ser uma boa esposa e uma mãe sábia era um papel primordial para garantir a arquitetura social do Império. Para a autora, o *status* positivo alcançado no ambiente doméstico valorizou mulheres enquanto membros fundamentais

3 Tradução livre das autoras. Do original: “a set of rights and obligations pertaining to members of a given kin network” (HELLER, 1976, p. 423).

da sociedade em prol de um bem maior e comum. Por outro lado, a delimitação da participação feminina na esfera pública trouxe dilemas na construção de suas identidades.

Vogel e Vogel (2013) igualmente compreendem o conceito de forma ambivalente. Por um lado, condenam o senso de obediência das mulheres perante seu pai, seu marido e seu filho mais velho. Por outro, destacam sua independência no completo controle do ambiente doméstico. Em suas práticas privadas não havia interferência dos maridos.

Para Koyama (2009), a casa e a família desempenham na história recente do Japão ainda um papel central na construção da identidade feminina. A autora explica que *Ryōsai Kenbo* não se trata de uma base educativa ultrapassada pré-Segunda Guerra Mundial, mas é um conceito ainda vivo que permeia as expectativas de e sobre mulheres no que concerne à maternidade, o casamento e o ambiente doméstico.

Nas primeiras décadas do século 20, com a intensificação da imigração japonesa para o Brasil, o papel das mulheres *nikkei* enquanto responsáveis pela manutenção de sua cultura continua operante no além-mar. Sakurai (1995) aponta que as famílias nipônicas que chegaram ao Brasil neste período desejavam fazer fortuna e voltar para o Japão. Por esse motivo, somado ao sentimento nacionalista, mantiveram-se em comunidades herméticas, preservando seus costumes, língua, sistema educacional, religião e senso de comunidade.

Koyama (2009) ainda aponta que a ideia que atribui às mulheres estas responsabilidades não é, de forma alguma, exclusiva da sociedade nipônica. Na verdade, mescla-se com o entendimento e alcance dos valores imbricados na formação do Estado Moderno e da Família Moderna no Ocidente. O patriarcado brasileiro, cujo poder sociofamiliar está centrado no homem e no masculino, forma suas raízes desde o primeiro século da colonização portuguesa (REZENDE, 2015). No Brasil, portanto, essas mulheres encontraram um cenário favorável à manutenção de sua condição. Com forte influência da Igreja Católica (SILVEIRA, 2017), o Código Civil Brasileiro de 1916, por exemplo, descreveu o papel do marido como o de “chefe da sociedade conjugal” (BRASIL, 1916) e o da mulher como responsável por “velar pela direção material e moral” da família (BRASIL, 1916).

Vale lembrar que, a despeito das transformações sociais ao longo do século 20, em que mulheres brasileiras conquistaram seus espaços também na esfera pública, o Código Civil Brasileiro foi revogado apenas no ano de 2002. Ou seja, estes contratos de gênero, para além dos institucionais, ainda podem atuar de maneira estruturante nas representações sociais (SCHABBACH, 2020) do que é ser mulher no Brasil – seja ela imigrante ou não.

De qualquer maneira, com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, os planos de retorno foram desestimulados. Mesmo assim, a manutenção dos ideais japoneses de sociedade permaneceu como um objetivo (KUBOTA, 2008; LÓPEZ-CALVO, 2018). Contudo, entendendo a cultura enquanto um sistema vivo e dinâmico (CUCHE, 2002), a intensificação de casamentos interétnicos, a partir da década de 1950 (WARICODA, 2010), marcou a criação de uma nova realidade, a identidade nipo-brasileira.

As pesquisas de López-Calvo (2018) apontam que a construção de uma identidade cultural que não é exatamente brasileira nem japonesa, trata-se de uma “identidade *nikkei* diaspórica” (p. 205). Este fato é resultado da oposição entre a necessidade de reclamar o lugar do imigrante na sociedade brasileira e a imprescindibilidade de reafirmar sua niponicidade e a distinção de seus valores em relação aos ocidentais.

Mais de um século se passou desde a chegada dos primeiros imigrantes japoneses em terras brasileiras. Porém, observa-se que sua construção sociocultural no Brasil é ainda atravessada pelos valores primordiais da formação do Estado japonês moderno. A partir da literatura levantada, observa-se especialmente que a homogeneidade, a centralidade da família, as funções de gênero e etárias atravessam tempo e espaço e resistem ao dinamismo das relações culturais e interculturais. Cabe entender por que e como essas complexidades persistem e estão expressas no cotidiano dos sujeitos que fazem parte desta história.

2. “Cinco Elementos em Quarentena”: estrutura e resultados

A intervenção gerontológica e artística ocorreu por ocasião do isolamento social recomendado no combate à pandemia de COVID-19, a partir de março de 2020. A situação intensificou a convivência intergeracional entre as participantes no ambiente doméstico, cinco mulheres de uma família nipo-brasileira: C.T. (100 anos), L.T. (72 anos), M.T. (68 anos), K.T. (66 anos) e S.T. (27 anos)⁴. O convívio acentuado permitiu à mais nova desta família observar e, de certa forma, questionar certos comportamentos das mais velhas. Em especial, três deles: a priorização do convívio familiar, em detrimento da privacidade; o cuidado exacerbado com a casa; e a atribuição de valor ao papel feminino somente quando vinculado às noções de boa esposa e mãe sábia.

Com base nessa tensão identitária intergeracional, organizou-se a primeira parte da intervenção e registro fotográfico do cotidiano, intitulado “Grades Visíveis e Invisíveis”. O objetivo foi documentar, através do exercício observacional, a percepção que a terceira geração tinha quanto as possíveis grades literais e não literais presentes no dia a dia das protagonistas. A intimidade possibilitou retratar delimitações e enquadramentos na composição das imagens, já experimentados de forma indireta nos relatos obtidos ao longo do curso de vida e da convivência das participantes.

A construção deste ensaio pode ser explorada à luz da noção de Bachelard (1993), não apenas pela escolha dos ângulos e pela imprevisibilidade das expressões do cotidiano, mas também pelo fato de a casa ser um importante elemento nas fotografias. Para o autor, este espaço poético é “um verdadeiro cosmos [...] um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (p. 200-201), revelando a potencialidade de produzir imagens retratando pessoas dentro de seus universos particulares.

4 As participantes foram informadas sobre os objetivos de ambas as intervenções e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As fotografias da primeira parte da série são espontâneas e realizadas em preto e branco. O estudo crítico das fotografias realizadas pela neta a fez perceber inicialmente que a construção das aparências ao longo da vida das participantes sugeria uma homogeneização estética fruto dos ideais e valores provenientes das noções de familismo e *Ryōsai Kenbo*. Estimulada pelo resultado obtido e a intensa convivência, deu-se início às rodas de conversa, buscando aprofundar essas impressões iniciais.

A discussão das imagens com as idosas revelou conflitos e tensões. O cumprimento ou não de expectativas do que significa ser uma boa esposa e uma mãe sábia gerava, na segunda geração, certa frustração pela falta de outras opções de existência. Porém, ao mesmo tempo, dava-lhes significado à vida e constituía-se fonte de bem-estar. Já a matriarca centenária relatou satisfação com o desempenho deste papel. Ser responsável pela criação dos filhos e pela manutenção da casa ao longo de toda vida mostrou-se motivo de grande orgulho.

No entanto, mesmo perante a tentativa coletiva de normatização das experiências já cristalizadas ao longo da vida, um ponto em particular foi inquietação unânime entre elas: a falta de privacidade dentro da própria residência, agravada pelo isolamento social. Essa constatação despertou o sentido da homogeneização das existências. O fruto dessa primeira parte floresceu e congregou o desejo em todas as participantes de explorar novos territórios pessoais.

O conceito de aparência foi o norteador que conduziu a segunda parte da intervenção. Yokomizo e Lopes (2019) entendem a aparência como uma variável multifacetada, composta por fatores: “físicos, comportamentais, atitudinais, estéticos e simbólicos construídos e externalizados pelos indivíduos ou grupos, compondo sua apresentação pessoal ou coletiva” (p. 239). Intervir a partir dessa ampla equação conceitual possivelmente geraria maior intimidade, ajudando a relevar as singularidades.

O processo de construção da aparência e seus significados figuraram, portanto, como chaves para que o ímpeto de ser visto, entendido e inserido (YOKOMIZO e LOPES, 2019) fosse satisfeito. De forma lúdica e compartilhada, a intervenção oportunizou às idosas extrapolar os limites físicos impostos pelo isolamento doméstico e os limites tradicionais que ofuscavam as suas performances de gênero. O ato de manipular as próprias aparências, sem compromissos coletivos, conduziu os processos de subjetivação, ao evidenciar contrastes e superação de conflitos identitários.

Consolida-se, assim, o segundo ensaio: “Quatro Elementos”. Nessa fase, de natureza intervencionista, as fotografias passam a ser coloridas. Cada idosa foi dirigida e retratada como um elemento diferente da natureza, identificado simbolicamente nas trocas. Nestes encontros, colocou-se à disposição recursos diversos, como: maquiagem, figurino, adornos, referências editoriais vinculadas aos gostos particulares, elementos de fantasia e flores.

As duas partes da série não tiveram pretensão de atribuir valor negativo às situações retratadas em preto e branco e valor positivo às fotos coloridas e produzidas. A intenção foi, de fato, explorar formas de subverter a imposição e a repressão resultante

de determinados comportamentos e modos de vida (CERTEAU, 1998), ao encontrar e identificar-se com a poesia presente nas práticas cotidianas.

Apesar de haver certa resistência no início, pode-se notar uma inclinação crescente e entusiasmada das quatro mulheres idosas a assumirem o controle da condução da apresentação de si. Diante das lentes havia menos desconforto, reservas ou autocensura. A seguir, são apresentadas as experiências e resultados obtidos, sob a luz das noções de familismo e *Ryōsai Kenbo*.

1.1. Primeira geração:

C.T. nasceu em 1920, na província de Kumamoto-ken. Aos oito anos, com a difícil situação econômica da sua família no período pós Primeira Guerra, embarcou no navio Wakasa-Marú e chegou ao Brasil com seus pais e irmãos.

A família se estabeleceu na zona cafeeira Mogiana, Estado de São Paulo, por dois anos. Posteriormente, mudaram-se para a recém-fundada cidade de Garça, onde cultivaram algodão. Ainda que morando no Brasil, até os 20 anos, ela frequentou apenas ambientes de colônia japonesa, onde não se falava português ou se mantinha hábitos brasileiros.

Aos 25 anos, casou-se com um rapaz igualmente imigrante japonês, com quem teve 13 filhos, dos quais dez sobreviveram. Entre eles, L.T., M.T. e K.T. Desde o matrimônio, desempenhou o papel de *Ryōsai Kenbo* com maestria: liderando o cultivo das hortaliças que davam sustento à família; certificando-se de que os filhos estavam alimentados; tomando as difíceis decisões sobre quais deles iriam à escola e quais teriam que desistir dos estudos para trabalhar na lavoura.

A família de agricultores migrou para a capital do Estado de São Paulo na década de 1970. C.T. passou a viver da costura, fazendo reparos e algumas peças para confecções. O ofício a acompanha até os dias de hoje, ocupando o tempo diante do desafio pandêmico, conforme mostra a Imagem 1, intitulada Pneumonia. Neste dia, a centenária relatou frustração por sentir-se cansada a ponto de não conseguir costurar. Horas mais tarde, foi levada ao pronto-socorro, onde foi diagnosticada e tratada com uma pneumonia. Com sua recuperação, C.T. continuou, então, na produção de aventais, que alega ser a atividade que mais gosta de fazer em sua rotina.

Mesmo tendo trabalhado por muito tempo no campo, a aposentadoria rural foi garantida apenas ao seu marido, em uma época em que o direito era concedido ao chefe da família. C.T. passou a receber o benefício a partir da viuvez, no final da década de 1980. Atualmente, vive com suas filhas L.T. e K.T. Tem 19 netos e oito bisnetos.

Imagem 1 - Pneumonia



Fonte: S.T., 2020.

Sempre uma mulher de pouco riso, expressou intensa satisfação com o resultado da produção da sua aparência e trono de flores, intitulada “É primavera (te amo)” (Imagem 2), da qual foi coprodutora.

Além de seu apreço pelo cultivo de flores e pela agricultura em geral, C.T. escolheu para representar o elemento terra no ensaio por ser a matriarca. A terra está associada à maternidade. Ainda, as raízes figurativas e concretas que tem plantado ao longo de seu século de existência são fortes, florescem e rendem frutos. Seu legado está costurado nos aventais que produz e na relação intensa com as gerações às quais deu origem, como uma boa e sábia mãe.

Imagem 2 - É primavera (te amo)



Fonte: S.T., 2020.

1.2. Segunda geração:

L.T., M.T., e K.T. e os demais irmãos não cresceram em uma colônia, e frequentaram escolas brasileiras. As três não estavam entre os filhos de C.T. escolhidos para frequentarem todo o ciclo escolar, por terem irmãos mais novos de quem precisaram cuidar, além do trabalho na lavoura. Aprendiam o idioma e os costumes japoneses dentro de casa com sua mãe e avó, que tinham a missão de educá-las e dar continuidade às tradições que aprenderam com suas próprias avós e mães.

Ao mesmo tempo em que a vitrola de sua casa ressoava o *enka* (música popular japonesa), no rádio, viviam o fervor da Jovem Guarda. Apaixonaram-se pelo futebol do Santos Futebol Clube, que acompanhavam enquanto se dedicavam aos afazeres domésticos. Alimentavam o sonho de seguir a carreira de cantoras, enquanto trabalhavam na lavoura de amendoim. Seus ídolos não tinham as feições

de seus familiares: eram Pelé, Roberto Carlos e Giuliano Gemma. Assim também eram seus primeiros amores, a despeito da resistência de seu pai.

Por mais que a segunda geração tivesse descoberto tantas referências e relações que ultrapassavam o âmbito doméstico, a casa e a família desempenhavam um papel central na construção de suas identidades. O processo acontece de forma conflituosa para cada uma das três irmãs, na condição típica daqueles que constituem suas crenças e percepções de mundo e de si na interface entremundos. Igualmente, por acreditarem que as configurações de gênero próprias de *Ryōsai Kenbo* eram o único papel possível a ser desempenhado. Ao mesmo tempo, sentiam que não correspondiam a essa expectativa.

L.T., a mais velha das participantes da segunda geração, é responsável por cozinhar para a família desde os 12 anos de idade. Por ter poucos anos de estudo, não teve a oportunidade de trabalhar fora de casa, limitando-se ao ambiente doméstico, por grande parte de sua vida. Conforme relatou, para ela estes atributos são, ao mesmo tempo, fardo e motivo de orgulho. A idosa não se casou e não gerou herdeiros. Na tradição à qual pertence, ser mulher solteira e não ter filhos significa também assumir o cuidado com os mais velhos.

Ao longo da convivência intensa do isolamento social, L.T. pareceu convencer a si mesma de que se mantinha satisfeita com o que lhe cabia. No entanto, foi na discussão sobre suas percepções a respeito da Imagem 3, intitulada “A ferro e fogo”, que integrou o primeiro ensaio, que a idosa iniciou uma cruzada rumo a revelar-se a si mesma.

Nas rodas de conversa iniciadas na segunda fase da intervenção, L.T. fez emergir e verbalizar suas frustrações: não saber escrever; o confinamento doméstico ao longo da vida, oficializado com força com a pandemia; a exaustão de cozinhar diariamente; o desejo de conhecer lugares e pessoas novas; não ter realizado o sonho de ser cantora; a tardia independência financeira, aos 65 anos, quando passou a ter direito ao Benefício de Prestação Continuada. Todas elas, desilusões que entende como atreladas à missão estrutural e aprisionadora herdada das tarefas de cuidar e servir.

Imagem 3 - A Ferro e Fogo



Fonte: S.T., 2020.

Ao expor seu universo particular ao longo da segunda parte da intervenção, a idosa demonstrou o grande desejo de recomeçar. Ainda fã do cantor Roberto Carlos, compôs projetos de versos aos quais, em seguida, ateou fogo. Sua satisfação em arder como o fogo na tentativa de queimar as amarras de seu passado e abrir-se a novas possibilidades foi palco da Imagem 4, resultante da intervenção que protagonizou e coproduziu, intitulada “Quero que vá tudo pro inferno”.

Imagem 4 - Quero que Vá Tudo pro Inferno



Fonte: S.T., 2020.

A irmã K.T., por outro lado, sonhou desde a infância em ser uma boa esposa e uma mãe sábia. Suas brincadeiras preferidas envolviam colocar pedaços de pano por debaixo de seu vestido, para imitar uma barriga de grávida, colocar tecidos brancos sobre a cabeça, como um véu de noiva e brincar com suas bonecas feitas com palha de milho.

Seus planos de formar a sua própria família e ter a sua própria casa não se concretizaram. Ela não chegou a casar e foi mãe solteira aos 40 anos. Mora com a mãe, a irmã e o filho na casa da família. Porém, não enxerga nela um lar. Na pandemia, se mantendo igualmente fiel às funções que assumiu ao longo da vida, mesmo sem os desfechos significativos que sonhava, ela encara a câmera (Imagem 5) para mostrar a sua insatisfação, na foto intitulada “Corpo-Grade”, como relatou nas rodas de conversa.

Imagem 5 - Corpo-Grade



Fonte: S.T., 2020.

Os desencantos com os seus planos de menina lhe deram relativas rigidez na expressão e tensão na postura. Por isso, nas trocas realizadas na segunda intervenção, reclama o seu direito de existir, sem se preocupar com o que outras pessoas possam dizer. A forma que buscou retratar esse sentimento foi flutuando como o ar, na foto coproduzida intitulada “Flutu(ar)” (Imagem 6).

Imagem 6 - Flutu(ar)



Fonte: S.T., 2020.

M.T. é a única que se casou e não mora com a mãe. Para isso, iniciou cedo o seu processo de desligamento. Desde que chegou a São Paulo, buscou empregos remunerados que a mantivessem fora de casa. Há quarenta anos é cabeleireira em salões de luxo da cidade. Foi aquela que ultrapassou sua herança familiar, ao casar-se com um homem negro e 14 anos mais jovem.

A cabeleireira é a progenitora da terceira geração. Os três primeiros meses de isolamento social foram o período mais longo em que M.T. esteve continuamente em casa. Por isso, deu conta de todas as pendências domésticas que parecia ter deixado para trás, ao longo da vida. Ao longo das rodas de conversa, declarou estar entediada, sentindo falta do trabalho. Nas trocas durante a intervenção chegou à conclusão que não sabia descansar, pois, nunca havia reservado um tempo para isso. A idosa sentia-se em um movimento eterno, assim como o elemento que escolheu para representar: a água. Por isso, ao coproduzir a sua aparência diante da câmera, esforçou-se o máximo que pode para colocar-se com uma expressão serena, permitindo-se relaxar, como ilustra a Imagem 8, intitulada “Mãe d’água”.

A idosa também contrariou as expectativas de gênero, ao trocar os papéis de boa esposa e mãe sábia por uma carreira que exige longas horas de jornada de trabalho fora de casa. Ou seja, o tempo para educar a filha ou cuidar de seu lar sempre foi muito curto. Apesar da suposta emancipação, o não cumprimento das expectativas é percebido como motivo de culpa. Por isso, a autocobrança para satisfazer todas as funções que acha que deve desempenhar, nos poucos momentos livres, traduz-se no fato de que M.T. nunca descansa, nunca abandona a disciplina, conforme anuncia a Imagem 7 intitulada “Tudo em seu devido lugar”.

Imagem 7 - Tudo em seu Devido Lugar



Fonte: S.T., 2020.

Imagem 8 - Mãe d'água



Fonte: S.T., 2020.

2.3. Terceira geração:

Graças ao árduo trabalho não doméstico de sua mãe, S.T. é uma das primeiras pessoas do clã a conseguir concluir o ensino superior. Esta experiência lhe permitiu acessar referências que aprofundaram ainda mais os seus conflitos a respeito dos papéis esperados das mulheres de sua cultura de origem, de sua família e dela mesma. Com o isolamento social e a eminência da vulnerabilidade dos idosos perante o avanço da COVID-19, ao mudarem-se para a antiga casa da família, mãe e filha aprofundaram ainda mais esses enfrentamentos.

Em um cenário de desafios diversos, para além das histórias da sua própria mãe, tias e avó, emergiram questionamentos sobre quais as transposições deveria realizar e quais frustrações deveria evitar, mantendo o orgulho de suas ancestrais.

Neste contexto de urgências sociosanitárias nasceu também a chance de uma intervenção que, ao questionar a força e o papel do feminino, ajudou a entender-se outros ilustres desconhecidos: tanto uma parte de quem se é no âmbito das heterogeneidades (DEBERT, 1998; MERCADANTE, 2002); como, igualmente, uma outra parte de si resultante de uma partilha suprafeminina, que corta e constitui, ao mesmo tempo, suas próprias histórias de vida.

A busca às respostas duras e críticas que constituíam o imaginário da terceira geração, quanto aos modos de vida que a antecederam, encontraram, agora, na condição de condutora técnica das intervenções, outros tons e nuances. A partir do momento em que se dispôs e se sentiu capacitada a entender de fato o motivo das coisas serem como são, a neta se viu envolvida pela interdependência entre os quatro elementos, fruto da construção sociocultural (CUCHE, 2002) e afetiva que a derivou. Os ensaios tratam dessa complexa trama que (re)uniu família e gênero na intimidade do isolamento doméstico vivido pelas participantes, juntas e, ao mesmo tempo em singularidades nunca antes alcançadas ou experimentadas.

A neta, na medida em que se dispõe a oportunidade de adotar, à sua maneira, em seu tempo histórico e geracional, uma posição mais receptiva e menos discriminatória diante das mulheres mais velhas de sua família, compreendeu que os conflitos que identificava nas gerações de mulheres que a antecederam, também eram seus. Assim, tomou para si o papel de conciliadora dos conflitos e tensões que atravessaram vidas, com o intuito de acolher suas demandas.

Neste sentido, visando concluir a intervenção e, assim, a série “Cinco Elementos em Quarentena”, produziu-se uma última Imagem (9), que simboliza os encontros e desencontros dessa jornada pandêmica, intitulada “Reconciliar”. Desta vez, imagem tirada pelo único homem da casa, o pai brasileiro, negro, fotógrafo e, igualmente, descendente de imigrantes.

Imagem 9 - Reconciliar



Fonte: Joilton Elias dos Santos, 2020.

3. Conclusão

A pandemia por COVID-19 desafiou todo o mundo e muitos mundos, de inúmeras maneiras, de forma concomitante e angustiante. O presente relato de intervenção gerontológica e artística buscou registrar a experiência de cinco mulheres, de três gerações de uma família nipo-brasileira, residente na periferia da cidade de São Paulo.

A experiência resultou na identificação e debate, por parte das participantes, de tradicionais mecanismos herdados da cultura japonesa de origem, guardadas e repassadas pela matriarca imigrante centenária. A convivência intergeracional foi o terreno fértil para encontros coletivos e íntimos, que fizeram emergir conflitos, tensões, frustrações, assim como conquistas e orgulho. Observou-se que a construção do processo identitário passa por aspectos socioculturais, históricos e afetivos.

Ao final, cada uma das partes da intervenção resultou, respectivamente, em dois ensaios fotográficos. O primeiro buscou revelar o cotidiano. Materializou o não dito e o não permitido. O segundo, porém, o sempre desejado. A construção da aparência e seus significados foram os veículos e as ferramentas de promoção da comunicação intergeracional.

A tensão e o contraditório entre a interdependência das forças do coletivo e do pulso individual singular marcaram ambas as partes da intervenção, de forma integrada, posto que identitária. Os conceitos de familismo e *Ryōsai Kenbo* constituíram a tônica dos encontros e ações, noções que foram se associando mutuamente na história das

mulheres da família aqui retratadas. Juntos, significam o processo de tornar-se uma boa esposa e uma mãe sábia, ainda, uma neta vigilante, perante o próprio modelo de família e mulher que se é capaz ou não de produzir socialmente, de geração em geração. Esses encontros constituíram a série intitulada “Cinco Elementos em Quarentena”, cujo potencial transformador espera-se que sirva de inspiração para a reprodução da intervenção gerontológica aqui relatada a outros contextos intergeracionais.

Referências bibliográficas:

- ANDRÉ, Richard Gonçalves. A paixão entre ogros e budas: a busca pela “niponicidade” na coletânea fotográfica “Koji Junrei” (1939-1975), de Domon Ken. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n.42, p. 13-34, outubro, 2019.
- ASHKENAZI, Michael. **Handbook of Japanese mythology**. California: ABC-CLIO, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRASIL. **Lei nº 3.071, de 1º de Janeiro de 1916**. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. **Brasília**: Casa Civil, [1916]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071/imprensa.htm. Acesso em: 18 mar. 2022.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 3ª. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002. p. 9-15.
- DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In*: Debert, Guita Grin. (Org.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. Introdução, p. 7-27.
- ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. *In*: **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 12-61.
- HELLER, Peter. Familism Scale: Revalidation and Revision. **Journal of Marriage and Family**, Minneapolis, v. 38, n. 3, p. 423-429, agosto, 1976.
- ISOTANI, Mina. **A representação do feminino: a construção identitária da mulher japonesa moderna**. 2016. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 220, 2016.
- KOYAMA, Shizuko. **Ryōsai Kenbo**: The Educational Ideal of ‘Good Wife, Wise Mother’ in Modern Japan. Trad: Stephen Filler. Boston: Brill, 2009.
- KUBOTA, Nádia Fujiko Luna. Manutenção das tradições na família japonesa em Campo Grande. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 16, n. 30, p. 165-181, setembro, 2008.
- LOPEZ-CALVO, Ignacio. El discurso y la producción cultural nikkei en Brasil. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, n. 87, p. 203-226, janeiro/junho, 2018.

- MERCADANTE, Elisabeth. Aspectos Antropológicos do Envelhecimento. In: NETTO, Matheus Papaléo. (Org.). **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002. Capítulo 6, p. 73-76.
- PIRES, Ricardo Sorgon. O Nihonjinron e o mito do excepcionalismo japonês (1950-1980). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Maringá. **Anais eletrônicos...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3810.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.
- REZENDE, Daniela Leandro. Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. **Pensamento Plural**, Pelotas, n.17, p.7-27, julho-dezembro, 2015.
- SAKURAI, Célia. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.27, p. 32-45, novembro, 1995.
- SASAKI, Elisa Massae. Nihonjinron - teorias da japonicidade. **Estudos Japoneses**, São Paulo, n.31, p.11-25, 2011.
- SCHABBACH, Letícia Maria. A reprodução simbólica das desigualdades entre mulheres e homens no Brasil. **Opinião Pública [online]**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 323-350, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912020262323>. Acesso em: 19 mar. 2022.
- SILVEIRA, Diego Omar. Mulher, mãe e esposa: conservadorismo católico e representações do feminino na imprensa católica mineira. **Pro-Posições [online]**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 330-352, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0110>. Acesso em 19 mar. 2022.
- VOGEL, Suzanne Hall; VOGEL, Steven. **The Japanese Family in Transition: From the Professional Housewife Ideal to the Dilemmas of Choice**. Lanham: Rowman and Littlefield, 2013.
- WARICODA, Ana Sayuri Ribeiro. **Estudo sobre representações sociais de casamento e práticas conjugais para nipo-descendentes e brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, p. 91, 2010.
- WEINER, Michael. **Japan's Minorities: the illusion of homogeneity**. 2ª Ed. Nova York: Routledge, 2009.
- YOKOMIZO, Patrícia da Silva; LOPES, Andrea. Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. **dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, São Paulo, v. 12, n. 26, p. 227-244, agosto, 2019.

Recebido em 29 de setembro de 2021

Aprovado em 14 de junho de 2022